

A produção de significados do programa minha casa minha vida: narrativas e semiose¹

Haroldo Moscheta Gonçalves²

Luciana Andrade Gomes Bicalho³

Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, IDP, Brasília, DF

Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa, IDP, Brasília, DF

RESUMO

O estudo investiga como as narrativas sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida são construídas por diferentes atores midiáticos, à luz da semiótica peirceana. Em um cenário marcado pela datificação, os dados digitais ganham centralidade, exigindo interpretação qualificada para gerar sentido. A semiose é vista como processo contínuo de significação, essencial para compreender os signos em circulação. A pesquisa analisa conteúdos publicados em 4 de abril de 2025, em portais jornalísticos e canais institucionais do governo.

PALAVRAS-CHAVE: datificação.; minha casa minha vida; narrativa; semiótica.

A crescente disponibilidade de dados digitais constitui um ponto central de reflexão na comunicação contemporânea. Com isso, abre-se a possibilidade de coletar e interpretar padrões estatísticos e comportamentais para a formulação de narrativas mais assertivas. No entanto, Santaella e Kaufman (2021, p. 215) destacam que, diante da grande escala de dados, é necessário adotar uma abordagem distinta, visualizando os dados de forma matemática antes de estabelecer seu contexto.

Com a datificação, uma nova realidade social emerge e aspectos do cotidiano passam a ser capturados, quantificados e codificados. Van Dijck (2014) aponta que esse processo é visto como o “santo graal” para pesquisadores e uma verdadeira “corrida do ouro” para o mercado. Em outra análise, Van Dijck (2017, p. 40) observa que “os metadados parecem ter se tornado a moeda corrente para os cidadãos pagarem por seus serviços de comunicação e segurança”, reforçando que a datificação configura hoje um

¹ Trabalho apresentado ao GP Políticas e Estratégias de Comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação pelo Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). haroldomgoncalves@gmail.com.

³ Docente do mestrado em Comunicação do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), luciana.bicalho@idp.edu.br

novo paradigma científico e social, com capacidade de monitorar o comportamento humano em escala global. Nesse cenário, os dados são essenciais para qualquer organização, especialmente no que tange à divulgação de políticas públicas em ambientes digitais, que requerem uma comunicação estratégica. Knafllic (2017, p. 03) observa que “há uma história nos dados, mas as ferramentas não sabem qual é essa história”, evidenciando a necessidade de interpretação qualificada.

A narrativa, por sua vez, é uma estrutura que permeia a experiência humana desde a infância, presente em contos de fadas e histórias universais. Ela transcende o conteúdo verbal, podendo se manifestar por meio da linguagem escrita ou oral, imagens fixas ou em movimento, revelando aspectos das relações sociais e da intimidade cotidiana (Barthes, 2013; Campbell, 2023; Silva, 2012). O interesse pelas histórias reside menos na veracidade dos fatos e mais nos significados que produzem (Benjamin, 1987; Han, 2023; Lewis, 2018). As narrativas possuem uma dimensão utilitária, seja por meio de ensinamentos morais, sugestões práticas ou provérbios, e o narrador ocupa um papel fundamental ao oferecer conselhos a partir da experiência.

Contudo, vivemos um momento que pode ser compreendido como uma crise da narrativa. O excesso de informações, características da era digital, sufoca o espírito narrativo ao impor instantaneidade e efemeridade, elementos contrários à natureza da narração, que demanda tempo e elaboração. O *storytelling*, que poderia representar um resgate da narrativa, é frequentemente esvaziado em sua função simbólica e utilizado apenas como instrumento de venda – o chamado *storyselling* (Benjamin, 1987; Han, 2023; Lewis, 2018). Por isso, torna-se relevante questionar o lugar da narrativa e como esse cenário de datificação impacta a sua produção de significados.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo investigar a semiose gerada por meio das narrativas em torno do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV), a partir dos diferentes atores midiáticos envolvidos em sua divulgação, levando em consideração os dados institucionais disponibilizados pelo Governo Federal. Para a coleta de dados, utilizou-se a observação simples, na qual, o pesquisador atua como espectador, sem interferir nos eventos. Foram analisadas as notícias publicadas digitalmente em quatro de abril de 2025, data em que foi anunciada a expansão do PMCMV, nos veículos G1, R7, Estadão, CNN Brasil e Folha de S. Paulo, além dos conteúdos publicados nos sites oficiais do PMCMV, do Ministério das Cidades e da Secretaria de Comunicação da Presidência da República.

Para isso, será utilizada a semiótica peirceana como subsídio teórico-metodológico, no intuito de relevar e analisar os processos sógnicos envolvidos. Conforme Santaella (2004), um signo é aquilo que representa algo para alguém, sendo a semiose um processo contínuo de interpretação, já que o significado de um signo é sempre outro signo, e assim sucessivamente. Essa dinâmica ocorre por meio da articulação lógica entre signo (representâmen), objeto e interpretante, configurando três operações fundamentais: determinação, representação e mediação. O signo produz um efeito interpretativo em uma mente, humana ou não, ao representar o objeto. Ele, por sua vez, determina o interpretante por meio da mediação do signo Santaella (2004). Com isso, podemos compreender essas relações a partir da análise do objeto empírico. Quanto aos resultados, uma vez que a presente pesquisa está em curso, os resultados preliminares serão apontados na apresentação durante o Congresso Nacional.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**, São Paulo, SP: Editora brasiliense, 1987.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**, São Paulo: Palas Athena Editora, 2023.
- COGO, Rodrigo. **Storytelling: as narrativas da memória na estratégia da comunicação**, São Paulo: ABERJE, 2016.
- HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis RJ: Vozes, 2023.
- KNAFLIC, Cole Nussbaumer. **Storytelling com dados: um guia sobre visualização de dados para profissionais de negócios**, Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.
- LEWIS, Clive Staples. **Sobre Histórias**, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- SANTAELLA, Lucia; KAUFMAN Dora. Os dados estão nos engolindo? **Civitas – revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 214-223, 2021.
- SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- SILVA, Polyana Inácio Rezende. Dinâmicas comunicacionais na representação da vida cotidiana instagram: um modo de narrar sobre si, fotografar ou de olhar para se ver. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2012.

VAN DIJCK, Jose. Datificação, dataísmo e dataveillance: Big Data entre o paradigma científico e a ideologia. **Surveillance & Society**, v. 12, n. 2, p. 197-208, 2014.

VAN DIJCK, Jose. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. **Matrizes**, v. 11, n. 1, p. 39-59, 2017.